

Domus Nostra



16 de Maio de 2010

2 MINUTOS



HÁ SEMPRE TEMPO...

ÍNDICE	Pág.
Para TUDO há um MOMENTO e um TEMPO... MJ	3
HOJE eu quero SER FELIZ... AIS	5
Há GENTE que fica na HISTÓRIA ALC	6
Acima de TUDO fui FELIZ ARC	7
Foi há TRÊS anos ATRÁS CR	9
Vai CORRER TUDO bem... CP	11
Tenho um TESOURO... MF	13
A NOSSA Experiência no 312 A, J, P	14
A NOSSA Experiência no 501 AB,JB,PC	16
Entrar na Domus Nostra a meio do percurso... RA	18
A PRINCESA da Bata Branca... Velhinho Júlio	19
A FESTA DA FAMÍLIA... MIAC	20
A ARTE DE NADAR MG	22
PRIMEIRO DIA de Sérgio Godinho proposta da CA	23
TERÇO COMUNITÁRIO LSR	25
Encontro Ibérico de Taizé — Porto PC	26
O Terreiro do Paço encheu-se para ver o Papa Reportagem de Paulo Moura	27
ORAÇÃO DA FAMÍLIA Papa Bento XVI	30
WILLIAN JAMES Reflexão proposta pela SL	31
<i>Há Sempre Tempo</i>	2

Para TUDO há um MOMENTO e um TEMPO...
para cada coisa que se deseja debaixo do céu...
Eclesiastes 3, 1

Mais um ano. Mais uma Festa da Família. Mais um editorial escrito de madrugada.
Mais um jornal. Mais uma Missa. Mais um almoço. Mais um convívio. Mais um...

Mais um(a)...., *porque tem que ser?* Ou mais um(a)...., *para ser?*

Sim! Mais um dia, mais uma Festa. Para sermos mais felizes porque crescemos na amizade, na comunhão que fomos construindo e acolhendo, ao longo destes anos juntos.

O tempo traz-nos aquilo que não conseguimos ver, perceber, compreender de imediato, porque a pressa encobre a nossa visão.

O tempo vivido com a paciência conduz-nos à ESPERANÇA.

Esperar (aqui no sentido de ter esperança) é sempre uma forma de aprender.

É na expectativa da espera que encontramos tempo para um mergulho na nossa interioridade, para ajustarmos ou mudarmos a nossa percepção das coisas, dos acontecimentos, das pessoas, para reflectirmos sobre os nossos valores, sentimentos e prioridades.

A cultura do imediato, das respostas prontas, da comida rápida, das mensagens instantâneas, e as demais prontidões e pressas que a sociedade moderna nos impõe, acabam por nos tirar a paciência, virtude indispensável para quem quer viver uma vida verdadeira.

Ter TEMPO para TUDO é diferente de: Para TUDO há um MOMENTO e um TEMPO...

A administração do tempo não é uma técnica, mas sim um comportamento.

Não existe nenhuma técnica milagrosa ou mágica, nem um programa de computador ou agenda electrónica que resolva o problema da má administração do tempo.

Administrar tempo é uma atitude.

Ao dizer «tenho tempo para isto ou para aquilo» quero dizer: posso efectuar tal ou tal acção ou deixar que tal coisa actue sobre mim.

O tamanho de uma hora ou de um minuto é sempre o mesmo. Um dia tem sempre vinte e quatro horas.

Mas, aqui no* Domus, “às vezes” não queremos que os dias terminem, o tempo é pouco para estarmos no quarto umas das outras, nas conversas noite dentro porque: *O dia mais importante não é o dia em que conhecemos uma pessoa; o dia mais importante é quando ela passa a existir dentro de nós.*

O dia em que conhecemos uma pessoa passa; mas quem passa a existir dentro de nós ensina-nos a ser mais uns para os outros, a abrimo-nos ao diálogo que lança pontes e cria laços.

E todo o tempo é pouco porque a vida é uma contínua construção, sempre inacabada, que exige repensar valores, experimentar sentimentos, aprender novas lições, conquistar novos espaços e vislumbrar novos horizontes.

Obrigada a todas e a todos,

a cada uma e a cada um,

pelo tempo dado,

vivido,

amado.

MJ

**no (masculino) para dar a Domus (Casa) o significado de Lar.*

Há Sempre Tempo



HOJE eu quero SER FELIZ...

Não gosto de despedidas. Não gosto daquele abraço, aquele que sabemos que provavelmente será dos últimos. Não gosto e ponto.

Por isso não queria que este momento chegasse. Porque hoje é um dia de abraços de despedida, é um dia onde há tristeza e choros de saudades antecipadas.

Mas este ano vai ser diferente, ou pelo menos eu quero que assim seja. Hoje eu quero ser feliz, quero estar com as minhas meninas nesta casa que é a nossa, quero com elas viver este dia tão importante para mim, o dia em que sou (quase) Sra. Engenheira!

Portanto hoje se houver lágrimas... Que sejam de felicidade e de gargalhadas!

AIS



"Há GENTE que fica na HISTÓRIA

da história da gente...

Há dias que marcam a alma
e a vida da gente"



Poderei aproveitar estes versos para iniciar o meu texto sobre o significado que a Domus Nostra tem para mim...

Aqui encontrei um ambiente muito especial que me fez sentir verdadeiramente em casa. Para além do espaço tenho a referir as pessoas com as quais me cruzei, de entre as que ainda aqui se encontram, das que já saíram, por todas elas a minha vida ficou mais rica e mais preenchida.

Aqui partilhei muitos momentos: posso lembrar-me dos dias iniciais em que aqui estive e que em cada um deles encontrei alguém com quem pude desabafar e "esquecer" as saudades que tinha de casa, aos poucos fui encarando com mais naturalidade o facto de estar em Lisboa longe dos meus. Nos anos subsequentes senti-me útil quando pude ajudar e dar alguma palavra de acolhimento, àquelas que chegavam, assim como haviam feito comigo... Domus Nostra é isto: entreajuda, partilha, apoio, sorrisos e confiança para dar ao próximo. Agora nesta recta final sinto que as coisas não vão mudar, sei que continuarei a ter alguém pronto a ajudar-me assim como permanecerei disponível para quem mais precisar. Guardarei sempre comigo a minha passagem pela Domus Nostra assim como as amizades que aqui fiz, independentemente do sítio onde esteja pois o tempo não afasta as verdadeiras amizades, contribuí sim para o seu fortalecimento. Obrigada por me deixarem fazer parte deste mundo tão especial que é a Domus Nostra.

ALC



Acima de TUDO fui FELIZ...

Cheguei à Domus Nostra dia 10 de Outubro de 2007. O 312 era o quarto que me esperava. Escolhi a cama do meio. Estava sozinha num quarto enorme, vazio, repleto de silêncio e cheio de coisas vazias. Decididamente não era o meu quarto. Sentei-me na cama desfeita e deixei-me ficar. Não me apetecia arrumar as minhas coisas num quarto que não era o meu, ainda mais tinha de o partilhar. O silêncio do quarto contrastava com a agitação da nova cidade. De repente batem à porta. Quem será? Fui abrir. De pé, com cara de poucos amigos, estavam duas raparigas que, prontamente, disseram em unísono “Caloira apresente-se!” Assim foi...Sou a Ana Rita, venho de Faro, tenho 20 anos e estou no curso de Osteopatia. Pediram-me, também, que fizesse um babete para levar para o jantar. Eu fiz o que pude. Assim, começava o dia oficial de Praxes na Residência Domus Nostra.

Aqui tinha mais regras mas com algum esforço e compreensão foram sendo respeitadas. Horários para tudo. Que seca! Não tenho fome agora porque é que tenho de jantar? Quero dormir mais um pouco e já está na hora do pequeno-almoço. Novas rotinas...nunca pensei que desse tanto trabalho mas a cada dia que passava sabia-me melhor cumpri-las. Um facto impressionante é que tinha sempre companhia. Isso não falhava. Quando não estavam as raparigas do meu quarto, estavam as do quarto da frente ou do andar de cima ou de baixo.

A certa altura as minhas colegas de quarto foram-se embora. Ficou a saudade. Fiquei com o meu quarto só para mim, outra vez. Mas não fiquei sozinha. Esta casa passou a ser a minha casa, o 312 passou a ser o meu quarto e as pessoas que cá habitavam passaram a ser a minha família. Fiz algumas amizades e o tempo lá passava.

Chegou ao fim o primeiro ano. Queria sair mas também queria ficar. A última opção foi levada avante e acabei mesmo por ficar. Mudei de quarto. Fui para um quarto individual mais pequeno, porque durante algum tempo do primeiro ano tive um num quarto triplo que se tornou individual a meio do ano. Mudei para o quarto da minha amiga Filipa que tinha acabado de sair. Ainda tinha o seu cheiro e as paredes ainda sabiam de cor as nossas conversas, as músicas lá cantadas, as gargalhadas em noites de não se fazer nada. 518, nunca me vou esquecer!

Passaram 3 anos. Passaram 6 semestres de curso e de vida académica. Há 3 anos mudei-me para esta casa e conheci uma nova família. Foi com as pessoas que aqui moram que tomei o pequeno-almoço, almocei, jantei, ri, brinquei. São as primeiras pessoas a verem-me logo de manhã e as últimas antes de me deitar. São as primeiras pessoas que reparam no meu mau ou bom humor logo de manhã. É com elas que partilho as novidades bem fresquinhas que acabei de receber.

Cresci, amadureci, tornei-me mais responsável, empenhei-me a estudar, partilhei, ri, brinquei, chorei, tive alegrias e tristezas mas acima de tudo fui Feliz.

Se valeu a pena? Claro que sim. Voltava a repetir a experiência vezes sem conta.

ARC

Foi há TRÊS anos ATRÁS...

Foi há três anos atrás que eu, pela primeira vez, entrei nesta casa que é a Domus Nostra.

Vinha como se costuma dizer “às escuras”. Não sabia o que esperar desta cidade, das pessoas, dos locais...

Se tinha medo? Claro que sim! Nunca, antes, me tinha afastado do conforto do lar, da família e dos amigos e, pela primeira vez, inevitavelmente, isso estava a acontecer.

Lembro-me do dia em que os meus pais se foram embora e eu, sozinha no 612, chorei “que nem uma Madalena”, no fundo, porque sabia que tinha deixado de ter a sua protecção. Durante a primeira semana tive vontade de marcar passagem e voltar para casa, mas sabia que não o podia fazer. Não podia deixar que ninguém percebesse que eu estava triste. Tinha de me levantar, sair do quarto e aproveitar a oportunidade que estava a ter e assim fiz. Lentamente, comecei a aproximar-me das pessoas, a conhecê-las melhor e a deixar-me conhecer.

Particpei nas praxes, nas serenatas, nos bailes e passado um tempo a saudade e tristeza deram, de certa forma, lugar a uma sensação de satisfação e felicidade.

Tive a sorte de partilhar o quarto com óptimas pessoas e ser muito bem acolhida.

Agora sei que todo este percurso não podia ter sido feito de outra forma e que estes anos foram, sem dúvida, inesquecíveis.

A cozinha lotada, a partilha de tachos e frigideiras, os frigoríficos sem espaço, as esperas à porta, as entradas à meia-noite, as noitadas na sala verde e na cave, as conversas até às tantas nos quartos ao lado...todas aquelas coisas que só nós, residentes na Domus, percebemos e que vão, para sempre, arrancar de mim gargalhadas de saudade.

Como diz Coelho Neto: *“A casa da saudade chama-se memória: é uma cabana pequenina a um canto do coração”* e é lá que eu vou guardar todos os bons momentos passados nesta casa.

CR



Vai CORRER TUDO bem...
BOA SORTE nesta NOVA ETAPA...

25 de Setembro de 2005. 16h00. Encontrava-me na Domus Nostra há poucos minutos. Já vira sair os meus pais pela porta, esboçando um sorriso de alegria mas, ao mesmo tempo, de tristeza pela separação. Ouvei palavras como “vai correr tudo bem”, “boa sorte nesta nova etapa” ou “até ao próximo fim-de-semana”. Chegada ao quarto (o grande 601) deparei-me com paredes e camas vazias. Foi estranho o que senti ao olhar pela janela e ver Lisboa como cidade de fundo, cidade essa que iria percorrer logo no dia seguinte, a caminho da Faculdade. Foi um misto de alegria e de insegurança. Sentia-me feliz por ter ingressado no curso que sempre quis mas, ao mesmo tempo, senti alguma tristeza por deixar a minha cidade, o conforto de casa. Tinha saído da minha zona de segurança - era, definitivamente, hora de seguir um sonho antigo e enfrentar o que de bom e de mau a vida me iria trazer.

Momentos depois conheci novas residentes - acabavam de chegar e, tal como eu, só queriam conhecer outras pessoas. De cinco em cinco minutos iam aparecendo veteranas, prontas a dar-nos o seu apoio (como manda a praxe académica). Enquanto as horas passavam cada vez mais fazia sentido para mim a vida na residência, toda a agitação que se fazia com a chegada de uma nova residente, todas as brincadeiras todos os momentos que se passavam nos quartos de outrem. Imediatamente pensei: “vim parar ao sítio certo”.

Com o passar dos anos olho para trás, para todos os momentos que vivi, e sinto já algumas saudades. Saudades do que passou, das pessoas que conheci e que, por algum motivo, saíram da residência. Saudades de todas as praxes, Serenatas, Semanas Académicas. Certo é que qualquer estudante passa por isto, mas viver estes momentos no seio da Domus Nostra tem, de facto, outro encanto. Só quem vive na Domus sabe apreciar o verdadeiro significado da meia-noite, dos momentos de espera à porta da entrada, enquanto se comentam noitadas e se ouvem bocejos de sono. Todos os momentos servem para partilhar experiências.

E com isto dou por mim a pensar: Se eu podia ter um bom percurso académico sem a Domus? Podia, mas não era a mesma coisa!

Agora que estou a chegar ao fim desta etapa continuo a ouvir: “vai correr tudo bem” e “boa sorte para o futuro!”, apesar de, neste momento, estas palavras terem outro gosto. Têm um gosto de vitória por estes 5 anos e de esperança no futuro.

CP





Tenho um TESOURO...

Como finalista pediram-me que escrevesse um texto para o jornal da Domus. Depois de várias tentativas resolvi procurar inspiração por entre os textos que havia guardado nestes anos. Encontrei um poema que escrevi no meu primeiro ano de faculdade, pensando na minha família. Passo a transcrever:

Das tuas mãos

O teu valor e o teu suor,

Por serem calejadas,

Tamanha beleza.

Vincadas rugas,

Caminhos.

Uma vida, com muitas vidas

Que não esqueces.

E, no pôr-do-sol,

Adormeces, para depois acordar

Mais forte e mais livre

Para o novo dia que começa.

2/12/2004

A minha família é o meu maior tesouro e o meu maior orgulho. Obrigada a todas as que na Domus fazem também agora parte dela.



A NOSSA Experiência no 312

Quarto das Caloiras

Quarto triplo?! Qual quê? Não temos direito a privacidade? E se não nos dermos bem com as colegas de quarto? Nem as conhecemos de lado nenhum! E em relação aos horários, se não forem compatíveis? Vou ter que me deitar às horas que elas querem? Era o que faltava! Além disso, eu só consigo estudar com silêncio! Elas que se lembrem de vir fazer barulho, que logo lhes conto uma história...!

Foi assim que pensaram? Sabem que mais? Nós também.

Chegámos em alturas diferentes, instalámo-nos no nosso canto previamente escolhido e esperámos ansiosas a chegada umas das outras. A Patrícia primeiro, depois a Joana, e finalmente a Andreia – pessoas completamente diferentes, com gostos diferentes, cursos diferentes, cada uma de uma ponta do país DIFERENTE! À partida, ia ser a algazarra total. Desde quando é que pessoas que nada têm a ver umas com as outras se conseguem dar bem, ao ponto de viverem juntas durante um ano inteiro?

Conhecemo-nos. As questões iniciais, de quem não tem mais assunto por onde pegar - “Olá, tudo bem?”, “De onde és mesmo?”, “Estás a gostar da Universidade? E as aulas? A minha tem um ambiente óptimo!” -, que evoluíram para convívios e partilhas de novas experiências – a primeira ida às compras, o primeiro lanche, a primeira vez que cozinhámos juntas, a primeira conversa até às tantas da madrugada...

Experiências. Partilhas. Convívios.

Aos poucos, fomo-nos integrando e conhecendo os hábitos umas das outras. Adaptámo-nos e, hoje, podemos dizer que somos quase como uma grande família. A experiência não se revelou tão assustadora como estávamos à espera. Afinal, todas estávamos a passar pelo mesmo, todas tínhamos os mesmos medos e inseguranças.

Pela primeira vez, sozinhas numa nova cidade, escola, casa – quase numa nova vida -, fomos, umas para as outras, mesmo sem querer, tudo aquilo que precisávamos, apesar de tão simples: uma companhia.

A
J
P





A NOSSA Experiência no 501

Quarto das Caloiras

No princípio tivemos algumas dúvidas sobre vivermos com outras duas pessoas que nos eram completas desconhecidas, já para não falar da nossa privacidade (ou a falta dela). Mas o ano lectivo começou e cá viemos nós para a Domus Nossa, e à medida que o tempo foi passando descobrimos que afinal a convivência nem é assim tão difícil...

O truque é haver algumas regras e equilíbrio, por exemplo: se uma quer dormir, a luz do tecto é apagada, se outra quer estudar, desliga-se o rádio, entre outras coisas.

Claro que nem tudo são rosas, também nos tivemos de habituar às cantorias da Joana no duche, à Ângela 'espojada' no chão a desenhar ou ao facto da Patrícia falar durante o sono, e agora já não nos conseguimos aturar umas às outras! Estávamos só a brincar, a verdade é que para caloiras como nós estar num quarto triplo foi muito bom durante a nossa (ainda recorrente) adaptação a esta nova cidade e novo estilo de vida. Conversamos entre nós, desabafamos e fundamentalmente estamos cá quando alguém precisa. Criou-se uma amizade entre as três que só poderia surgir nestas circunstâncias e mesmo com pessoas com personalidades diferentes, cada uma de seu sítio, Norte, Centro e Sul de Portugal, além de duas serem do mais recente campeão nacional (o Benfica, claro) e outra do Sporting.

Além disso passámos a conhecer grande parte das pessoas desta casa, desde as outras caloiras, às híbridas e às 'excelentíssimas veteranas' que fizeram o favor de nos praxar.

AB
JB
PC



Entrar na Domus Nostra a meio do percurso...

Quando me propuseram que entrasse na Domus Nostra o receio era grande, e confesso que as minhas primeiras respostas foram repetidamente “NÃO”.

Teria que conhecer pessoas novas que já tinham um grupo definido, e a incerteza de uma má adaptação/integração era bastante. Mas, após a minha entrada, rapidamente me apercebi que não passava de um mito criado por mim própria.

Neste momento de término de ano lectivo, posso afirmar que considero a Domus Nostra como uma segunda casa, e tenho a certeza que no final de um dia cansativo e desmotivador, me vou conseguir sentir tranquila e segura.

Rita Almofter



A PRINCESA da Bata Branca...

Era uma vez uma princesa que queria muito uma bata branca. Mas, para que isso acontecesse, ela tinha que ir morar para a floresta.

Ela tinha muito medo porque na floresta existiam muitos lobos e muitas casas e muitos carros e grandes ruas. Mas, um dia, ela encontrou uma cabana onde estavam mais princesas como ela e várias avozinhas que as protegiam dos lobos.

Depois de algum tempo, depois de muitas lágrimas e muito trabalho a nossa princesa conseguiu finalmente ter a sua bata branca.

E agora ela está muito feliz a tentar descobrir uma poção mágica para dar mais força às avozinhas da cabana, para que elas protejam para sempre todas as princesas que todos os anos vêm morar na sua cabana.

Velhinho Júlio
Princesa Patrícia 501



A FESTA DA FAMÍLIA...

Já lá vão quatro anos quando a minha filha Laura foi estudar para Lisboa... como passa depressa. Lembro-me como se fosse hoje, o difícil que foi separarmo-nos, mas a vida é assim não pára, e nós pais a quereremos sempre o melhor para os nossos filhos e eles sem compreenderem o que isso significa, e a tentarem impor-nos as suas ideias. E agora também a Marta já cá está, veio em Setembro de 2009. A ilha de S. Miguel ficou mais vazia, e a nossa casa mais silenciosa. Restamos a companhia da Catarina, e os telemóveis para uma palavrinha de consolo. Nesta etapa universitária temos que ajudar as nossas filhas a percorrer os melhores caminhos, temos que dar exemplo, ser testemunho, balizas, ser firmes e também pais amorosos e compreensíveis.

Devem saber como eu que esta Residência Universitária, a “Domus”, é como se tivéssemos as nossas filhas em nossa casa, que descanso sentir que são tratadas como Família, há sempre alguém em casa que ajuda, que dá uma palavrinha, um quarto onde bater quando as saudades apertam, etc. Aqui fazem-se grandes amizades, também por cá passei, fiquei marcada e cá voltei para deixar as minhas filhas na melhor residência que podia encontrar.

E por isso, desde que a Laura cá chegou, nunca faltei a esta Festa da Família, são momentos únicos na nossa vida, que devem ser valorizados, a começar pela celebração da eucaristia, preparada com um carinho especial, como dom gratuito de Deus. Como é bom estarmos juntas, partilhar esta alegria da vida, sentir este calor humano que dura enquanto durar a nossa lembrança, conhecer as amigas

das nossas filhas, (por quem temos também um carinho muito especial), as suas famílias, as pessoas desta casa que trabalham com muito Amor para que tudo isto e muito mais, seja possível fazer. Bem hajam a todas.

Ponta Delgada, Maio de 2010, MIAC





A Arte de Nadar

A minha experiência na natação começa onde a de muitos acaba. A frase “quando me disseram para eu começar a treinar todos os dias e entrar em competições, eu desisti da natação!”, é-me muitas vezes proferida por colegas da escola. No entanto, eu não desisti; aliás, jamais

esquecerei o momento em que me convidaram para entrar na competição.

Qualquer um é capaz de nadar, mas nem todos conseguem ser nadadores. Um nadador não respira oxigénio, respira cloro; um nadador não tem vida, tem água; um nadador não dorme, faz piscinas para descontraír. Para se ser nadador abdica-se de muita coisa, mas tudo é compensado por instantes, instantes únicos que se cravam em nós como traços da nossa personalidade ou da nossa beleza. Quando conseguimos por uma equipa inteira de nadadores a berrar por nós para conseguimos fazer um melhor tempo, quando fazemos alguém chorar de felicidade, quando olhamos para o cronometro e sentimos uma alegria inexplicável por termos atingido o nosso objectivo e mais importante que tudo isto é saber que tudo o que conseguimos é à custa do nosso esforço, podemos dizer: FUI EU!

Apesar de actualmente ter deixado a natação, não me arrependo em nada de todos os minutos que passei dentro de qualquer piscina; as horas que para outros seriam perdidas, foram uma vida que eu não quero nunca esquecer.

MG

Primeiro Dia...



A princípio é simples anda-se sozinho
passa-se nas ruas bem devagarinho
está-se bem no silêncio e no burburinho
bebe-se as certezas num copo de vinho
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

Pouco a pouco o passo faz-se vagabundo
dá-se a volta ao medo e dá-se a volta ao mundo
diz-se do passado que está moribundo
bebe-se o alento num copo sem fundo
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

E é então que amigos nos oferecem leite
entra-se cansado e sai-se refeito
luta-se por tudo o que se leva a peito
bebe-se e come-se se alguém nos diz bom proveito
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

Depois vem cansaços e o corpo fraqueja
molha-se para dentro e já pouco sobeja
pede-se o descanso por curto que seja
apagam-se duvidas num mar de cerveja
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

E enfim dum escolha faz-se um desafio
enfrenta-se a vida de fio a pavio
navega-se sem mar sem vela ou navio
bebe-se a coragem até dum copo vazio
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

Entretanto o tempo fez cinza da brasa
outra maré cheia virá da maré vaza
nasce um novo dia e no braço outra asa
brinda-se aos amores com o vinho da casa
e vem-nos à memória uma frase batida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida
hoje é o primeiro dia do resto da tua vida



Sérgio Godinho

Proposta da CA
24

Terço COMUNITÁRIO

Rezar um terço na *Domus Nostra* – o próprio terço construído com as aspirações de cada residente - apresenta-se como uma oração completa, interessante, profunda através de uma comunidade de peças que se fortalece a cada *Ámen*, profereido por todas, criando uma só voz, para chegar a um Ser.

A união de elementos que cada uma profere por todas, como sinónimo de uma intensa **comunhão de desígnios**, traduz-se num momento de reflexão, de calma, de sossego, capaz de criar um **ambiente de tranquilidade**: um **refúgio** face ao aperto dos dias que se acumula diacronicamente.

LSR





Encontro Ibérico de Taizé - Porto

Foi nos passados 13 a 16 de Fevereiro deste ano que me foi proposto um encontro ibérico no Porto com a espiritualidade de Taizé. Com entusiasmo a aceitei e vivi uma experiência bela e única.

Desde as 8h de viagem ao acolhimento em casa de famílias portuenses, foi sentido o companheirismo e a entrega dos milhares de jovens e menos jovens, nacionais e estrangeiros.

Para quem não conhecia a comunidade de Taizé ficou, sem dúvida, com vontade de saber mais e de lá ir; quem já a conhecia, que era o meu caso, teve a oportunidade de reviver um pouco da harmonia e do silêncio que lá é possível encontrar.

Para além do espírito de Taizé, foi uma oportunidade de conhecer a grande cidade do Porto, com visita guiada aos pontos históricos e, como não podia faltar, aos típicos restaurantes especializados nas deliciosas francesinhas.

Novas caras e corações ficaram gravados, não só pela convivência e brincadeiras, mas também pela partilha de situações vividas que todos os dias nos era proposta.

Foram quatro dias de uma experiência de fé enriquecedora, a qual todos devíamos passar e transmitir o que aprendemos aos outros.

Taizé ensina-te a VIVER, a TER FÉ.





O Terreiro do Paço encheu-se para ver o Papa "Não sei o que senti. Foi uma coisa mágica"

Reportagem

A Laura organizou tudo. Laura Anselmo, 22 anos, açoriana, estudante de Gestão em Lisboa. Decidiu ver o Papa mas como não queria ir sozinha, convenceu 32 colegas da sua residência universitária só de raparigas, a Domus Nostra. "**Somos um grupo de fãs do Papa**", diz Laura. Vestem todas a *T-shirt* azul turquesa que diz "Eu acredito".

A praça está cheia, o Papa está a chegar. Entram primeiro os músicos, o coro, os padres, o cardeal patriarca de Lisboa. "Estamos aqui num dos locais mais belos da nossa cidade", começou o cardeal, D. José Policarpo.

O dispositivo já está todo em palco, com o Papa ao centro. Tudo majestoso e magnífico, como só a Igreja católica sabe fazer. O cenário é imbatível: o rio, azul, cheio de barcos de guerra e carneirinhos, a praça, imensa e plana, suavíssima, sob um céu de cores dramáticas. O espectáculo começou. "Onde está o Papa?" As pessoas esticam os pescoços, tentam chegar-se à frente. "*É aquele de dourado?*", pergunta uma das raparigas da Domus Nostra. "Sim, é o dourado". Nos grandes ecrãs vídeo instalados lateralmente, pode visionar-se tudo perfeitamente. Mas as pessoas querem ver, não visionar.

"Santo Padre, obrigado por ter vindo", vira-se o Patriarca para Bento XVI. Palmas. "É o dourado! Já vi o Papa!". Uma das raparigas salta de excitação. O Santo Padre começa. "Em nome do Pai, do Filho..." As pessoas seguem as orações com uns folhetos que lhes foram distribuídos. "Confessemos os nossos pecados", continua o Papa, sentado num trono precisamente no local da praça onde, há 500 anos, a Inquisição queimava os infiéis.

A multidão diz: "... a minha culpa... peço à Virgem Maria, aos Anjos e aos Santos, que rogueis por mim a Deus, Nosso Senhor..." Entra o coro, com a orquestra. Vê-se o maestro, de túnica branca, como um bonequinho de braços no ar. Os músicos são excelentes, o coro também, tal como os solistas.



O espectáculo é sublime. "Gloria a Deus nas Alturas".

Quando o Papa termina, as pessoas aplaudem, como se estivessem num concerto. Ou num comício. Esquecem-se de que isto é uma missa. Mais cânticos. O Papa recomeça, sentado, com voz débil. *"Que idade é que o homem já não terá"*, comenta uma das raparigas.

"Esta cidade de Lisboa, de onde partiram milhares de cristãos..." diz ele, a poucas dezenas de metros do local onde os exércitos de cruzados, há mais de 800 anos, conquistaram a cidade aos muçulmanos, matando milhares deles e outros tantos cristãos, incluindo o bispo da cidade. "A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja", diz o Papa. Aplausos de comício.

Evoca os 50 anos da estátua do Cristo-Rei, canta, com voz sumida mas afinada, profere palavras em latim, enchendo a praça de solenidade e mistério. Bebe do enorme cálice de ouro, partilha a hóstia do corpo de Cristo com os bispos e os concelebrantes e, de repente, a imagem é um quadro renascentista da Última Ceia. As cores, o fausto dos paramentos, a majestade do Papa, sentado na cadeira da presidência da celebração com a sua mitra a reluzir à luz do fim de tarde, a límpida e gloriosa luz de Lisboa. A multidão reza o Pai Nosso, já num transporte de emoção, e os padres saem pela praça para dar a comunhão. Dir-se-ia que a tarefa é impossível, mas não. Os sacerdotes, acompanhados por um segurança, avançam pelos corredores de baias que cruzam o Terreiro do Paço, e distribuem as hóstias.

As pessoas aproximam-se, recebem o símbolo do corpo de Cristo e dão lugar a outras. Há empurrões, tumultos pacíficos entre a massa humana.

"Eu quero ir", grita uma mulher, que não consegue aproximar-se. "Toda a gente quer ir. Calma". Mas há tempo, e vão todos. Alguns dos padres facilitam mais, entregam as hóstias a alguém, que as passa de mão em mão aos que estão mais atrás.

A missa termina no exacto momento em que o Sol se põe, atrás do arco da Rua Augusta, numa estranha convivência cósmica com o grande espectáculo. Instala-se uma luminosidade crepuscular e enigmática, e as pessoas começam a aplaudir, sem saber bem o quê. Tiram fotografias com o telemóvel, mas o que querem é ver o Papa. Os ecrãs, que mostram tudo, não servem para nada.

Todos se apertam para chegar mais próximo do corredor por onde vai passar o papamóvel. "É agora? Já lá vem?" A ansiedade aumenta. *Laura e as amigas parecem ter entrado num transe.* Empurram-se, dão gritos. **"É importante ver o Papa"**, explicará depois Laura. "Nos ecrãs, ou na televisão não é o mesmo". Passam várias carrinhas. Parece que é agora. **"A visita do papa foi a melhor coisa que poderia ter acontecido a este país"**, diz Laura. **"Apesar das críticas que lhe fazem, por causa da pedofilia, é muito importante ele vir cá, as pessoas poderem vê-lo, de perto. É como se assim não se perdesse o fio à meada, e fosse mais fácil mantermo-nos ligados à religião».**

É agora. Vem lá o papamóvel. Euforia. Gritos. Ninguém dispara as câmaras dos telemóveis. O importante é ver. "Viva o papa! Viva o Papa!" As raparigas da Domus Nostra estão como num sonho. "Ei, que é isto? Olha a Laura! Está a chorar! Que se passa Laura? Estás bem?" A Laura soluça, as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos. **"Não sei o que senti. Foi uma coisa mágica"**, explicará ela depois. **"Não sei se alguma vez na vida voltarei a ver o Papa"**. E ao explicar chora outra vez. A noite cai e o Pontífice já desapareceu, no seu veículo extravagante, mas Laura ainda chora só de pronunciar a palavra Papa.

Por Paulo Moura, in Jornal Público - 12.05.2010



Oração da Família

Oh, Deus, que na Sagrada Família
nos deixaste um modelo perfeito
de vida familiar
vivida na fé
e na obediência da Vossa vontade.
Ajudai-nos a ser exemplo de fé
e amor aos vossos mandamentos.
Socorrei-nos na nossa missão
de transmitir a fé aos nossos filhos.
Abri o seu coração
para que cresça neles
a semente da fé
que receberam no Baptismo.
Fortalecei a fé dos nossos jovens,
para que cresçam no conhecimento de Jesus.
Aumentai o amor e a fidelidade em todos os casais,
especialmente naqueles
que passam por momentos de sofrimento ou dificuldade. (...)
Unidos com José e Maria,
Pedimo-vos por Jesus Cristo vosso Filho, nosso Senhor.
Amem.



Parte da Oração do V Encontro Mundial de Famílias
Rezada pelo Papa na Vigília 8.7.2006 Valência



Não deixe nenhum jovem ter inquietações acerca do fim da sua educação, seja qual for o rumo que ela tenha tomado. Se ele mantiver plenamente ocupada cada hora do dia, deve seguramente alcançar o seu resultado final. Ele pode contar com perfeita certeza, que uma bela manhã, ao acordar, achar-se-á a ele próprio como um dos componentes da sua geração, em qualquer carreira que tenha seguido.

William James
Reflexão proposta pela Sandra Lopes

**Tudo tem
o seu tempo**



3 ¹Para tudo há um momento
e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu:

²tempo para nascer e tempo para morrer,
tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou,

³tempo para matar e tempo para curar,
tempo para destruir e tempo para edificar,

⁴tempo para chorar e tempo para rir,
tempo para se lamentar e tempo para dançar,

⁵tempo para atirar pedras e tempo para as ajuntar,
tempo para abraçar e tempo para evitar o abraço,

⁶tempo para procurar e tempo para perder,
tempo para guardar e tempo para atirar fora,

⁷tempo para rasgar e tempo para coser,
tempo para calar e tempo para falar,

⁸tempo para amar e tempo para odiar,
tempo para guerra e tempo para paz.

Eclesiastes 3,1-8